PIAGET, J. Cinco Estudos de Educação moral / Jean Piaget..et al ; organizador Lino de Macedo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

RIZZI, L.; HAYDT, R. C. Atividades lúdicas na educação da criança. Ed. Ática, 1997.

SANTOS, S. M. P. O lúdico na formação do educador. Vozes, Petrópolis, 2002.

VYGOTSKY, L. S. Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone / Edusp, 1988.

. A formação social da mente. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

PRECONCEITO RACIAL NAS REDES SOCIAIS DA INTERNET:

ANÁLISE DO DISCURSO E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS NA MÍDIA

ANDRÉIA SANTANA FERIGATI

RESUMO

Este estudo faz uma análise do discurso de dois textos veiculados nas redes sociais da internet e duas reportagens televisionadas, replicados no ciberespaço sobre a temática do preconceito racial. O objetivo deste estudo é o de analisar o discurso e descrever a ideologia e sistemas de valores implícitos nos textos, além de discutir o papel da mídia, como veículo do discurso educacional no que se refere ao combate a crimes de preconceito. Tal análise discursiva nos permitirá evidenciar a maneira como são manifestadas as relações intersubjetivas no contexto midiático e revelar as representações ideológicas contemporâneas sobre a temática racial. Verifica-se que, por meio da mídia, apresenta-se uma intencionalidade educativa que não se desenvolve na escola, abrindo espaço para uma discussão sobre o papel da televisão, como veículo de discursos educativos e preventivos.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Discurso educacional; Preconceito Racial; Semiótica.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propõe-se uma análise do discurso de textos propagados na mídia, sobre a temática étnico-racial, a fim de se analisar o papel da televisão, como veículo de um discurso educacional, ou seja, quando há uma intencionalidade educativa ao se alertar o grande público sobre crimes de preconceito racial de internet. Para isso, selecionamos dois textos sincréticos, em que se manifestam diferentes linguagens segundo uma perspectiva semiótica, que veiculam o preconceito étnico-racial e duas reportagens televisionadas: Famosos são vítimas de racismo nas redes sociais (Record) e William Bonner interrompe Jornal Nacional para Maju comentar caso de racismo enfrentado na net (Globo).

Tais reportagens, replicadas na internet, tratam do preconceito sofrido por personalidades negras famosas e os textos sincréticos, também replicados em redes sociais a partir de tais reportagens, tratam do preconceito sofrido por duas delas: Maju, repórter Maria Júlia Coutinho, e Ludmila, cantora e compositora Ludmila Oliveira da Silva. O fato

é que as atitudes racistas cometidas contra essas pessoas geraram indignação em boa parte da população brasileira, chegando a ser assunto de destaque em alguns jornais da mídia nacional.

É importante dizer que na mídia refletem-se as ideologias e sistemas de valores socioculturais brasileiros. O preconceito étnico-racial existe no Brasil e a evidência deste, propagada na internet, chama a atenção para o fato de que se expressa o racismo, seja com pessoa notória, ou não, de uma classe social privilegiada ou da periferia.

É sabido que o Brasil é racista e que o ódio racial foi alimentado por diferentes discursos, desde o sistema colonial, da escravidão, diferenças culturais e religiosas, por oposição à cultura branca europeia, tomada como padrão na sociedade brasileira, por várias razões, sobre as quais não se detém esta pesquisa. Em entrevista à revista fórum do dia 9 de fevereiro de 2012, Munanga diz que o racismo é um crime perfeito no Brasil. Ele destrói a consciência do povo brasileiro sobre a questão racial e ainda culpabiliza a própria vítima pelo racismo cometido contra ela mesma.

Segundo Melo (2010), no meio jurídico discute-se, pois, a respeito dos crimes eletrônicos que envolvem práticas preconceituosas no ambiente virtual, dentre outras práticas, muitas vezes os agentes de tais crimes usam o espaço virtual exatamente por suas peculiaridades tecnológicas, além de se beneficiarem do anonimato e do distanciamento entre os usuários, muito comum no espaço em questão.

Por consequência, a discriminação sofrida pelas personalidades em questão é recorrente nas redes sociais. Nesse espaço veiculam-se diferentes mensagens e textos que tratam de maneira perversa as questões da diversidade étnico-racial, dentre outras diferenças, ratificando o tratamento discriminatório entre homens e mulheres na contemporaneidade. A violência propagada neste espaço é dissimulada sob a ideia de que vivemos em uma sociedade “democrática” e “civilizada”.

Daí nos utilizarmos da transcrição de duas reportagens, objeto dessa pesquisa, para discutir a respeito da intencionalidade educativa da mídia televisiva, ao alertar o grande público sobre crimes de preconceito racial na internet. Fizemos também uma análise semiótica do discurso subjacente em dois textos sincréticos, segundo a Semiótica do Discurso, da linha fundada por Greimas (2002), sobre o assunto abordado nas reportagens e que foram replicados na internet, para contribuir com a discussão a respeito do preconceito e representações ideológicas cristalizadas que revelam, por sua vez, uma visão de mundo do brasileiro.

DESENVOLVIMENTO:

A mídia como veículo para a propagação de discursos educativos de combate ao preconceito racial

Os meios de comunicação, mesmos que sejam de posse de pessoas jurídicas, prestam um serviço público pelo qual devem ser responsáveis e sua função educativa deveria, pois, ser primordial. Ademais a mídia comunica e informa, mas também é responsável por formar opiniões. Ela é portadora das notícias e mensagens produzidas e propagadas na e para a sociedade, além de gozar de credibilidade social, embora nem sempre seja utilizada de maneira ética, coerente e educativa.

Nesta pesquisa não nos detivemos no papel da mídia, ao fato de se colocar a serviço da população de maneira ética ou não, mas tratamos do potencial que ela tem como veículo educativo. Tratamos aqui de analisar alguns momentos em que mídia se coloca a serviço de uma educação não formal.

Para Gohn (2006), a educação não formal desenvolve laços de pertencimento e ajuda na construção da identidade coletiva de um determinado grupo social, trabalhando e formando a cultura política deste e colaborando para o desenvolvimento de sua autoestima e do empowerment. Ela se fundamenta no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns, tornando-se parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo.

A educação não formal de combate à discriminação racial, portanto, se dá por meio de um diversificado aparato legislativo, ações afirmativas, movimentos sociais, entre outras ações. Tais iniciativas nascem, em geral, da problematização da vida cotidiana dos sujeitos e o conteúdo pertinente a cada uma delas emerge de temas que se colocam como necessidades, carências ou desafios a serem superados em relação ao preconceito racial.

Gohn, portanto afirma que os conteúdos da educação não formal não são dados a priori, mas se constroem no processo. Ademais ela não se subordina às estruturas burocráticas e tem como objetivo a formação integral dos indivíduos e é neste ponto que a autora afirma ter esse tipo de educação um caráter humanístico. Evidenciamos tal caráter nesta pesquisa por meio das reportagens e dos textos sincréticos que se seguirão, vez que estes documentos se utilizaram do espaço midiático para suscitar reflexões a respeito do preconceito racial e fomentar o sentimento de justiça e solidariedade para com as pessoas que foram vítimas daquele.

Segundo Sodré (1999), a mídia legitima a desigualdade social entre negros e brancos por sua capacidade de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais. Percebe-se, pois, que no espaço midiático ocorre grande parte das relações étnico-raciais brasileiras e que esse espaço reproduz, na maioria das vezes, a lógica racista. Em contrapartida, nesta pesquisa levantam-se pequenas discussões para que possamos pensar neste ambiente como um veículo para promoção da igualdade racial. Um lugar significativo para a abordagem do racismo de forma direta, sem melindres, sem eufemismos.

A luta pela igualdade racial nos meios de comunicação, que vem sendo travada desde meados da década de 90 requer, pois, proporcionar visibilidade às discussões sobre o racismo, de maneira menos branda, e seu reconhecimento como violência ao direito subjetivo de outrem.

Para isso não podemos pensar em atos racistas como casos isolados, acidentais ou como uma exceção, isso reforça a ideia do “mito da democracia racial”. Tal termo denota a crença de que no Brasil não há racismo e de que a discriminação racial é, pois esporádica. Strieder 2001 em um de seus escritos denominado: Democracia racial – A partir de Gilberto freire, ilustra o otimismo deste em relação à mistura de raças. Para Freire as diferenças no Brasil eram acidentais e não essenciais, ou seja, o que distinguia o colonizador do índio e do negro era apenas sua condição social.

Embora a mídia tenha iniciativas louváveis, ao abrir espaço para discutir o racis-

mo de forma mais adequada, ainda persiste no contexto atual o mito da Democracia racial, deste modo precisamos refletir a respeito de como o racismo é estruturado por ações cotidianas e quais são seus efeitos e consequências. Isso permitirá que não se reforce a ideia de igualdade desejável, mas utópica, que salienta as distâncias sociais econômicas e culturais em nosso país, conforme Florestan Fernandes (1972).

Análise semiótica do discurso: Reportagens.

Para reforçarmos a ideia de combate ao preconceito racial trazida pelas reportagens e pelos textos selecionados, fizemos uma análise crítica dos mesmos e percebemos que, embora o teor das mensagens trazidas seja de repúdio ao racismo, há nelas ideologias eurocêntricas sobre as quais discutimos à luz da Semiótica Greimasiana. Tratamos, ainda, da reconstrução do processo discursivo dos textos ora selecionados, segundo a estrutura narrativa do discurso, que é uma etapa do percurso gerativo do sentido, identificando os sistemas de valores socioculturais neles veiculados. Segundo Prados (2008), podemos perceber nos discursos relações de dominação, redes de poder, vontade política, ou seja, valores imbricados nos discursos que podem ser descritos pela análise da semântica profunda do discurso, segundo a metodologia semiótica.

Segue a transcrição dos textos nos jornais televisionados:

Texto 1: Famosos são vítimas de racismo nas redes sociais.

(Estúdio)

Thalita Oliveira: A onda de ataques virtuais e reais a celebridades negras.

Paulo Henrique Amorim: Nessa semana foi um músico famoso e ele reagiu.

(Gravação externa)

Narradora: Um cantor jovem e bem-sucedido no mundo do funk e faz questão de ressaltar a origem humilde

Nego do Borel (trecho de um clip): Eu tenho orgulho de ser preto e de ser favelado.

Narradora: Mas no último domingo durante um show, numa boate no Rio, o cantor mudou o tom, furioso partiu para cima de um homem na plateia.

Muitos não entenderam, mas essa foi uma reação do cantor a um ataque racista. As imagens gravadas por celular mostram o cantor bastante irritado, ele interrompe a apresentação. O funkeiro está agitado e vai para o canto do palco, os seguranças tentam acalmar o cantor e também um grupo de rapazes que está na plateia. Exaltado Nego do Borel fala ao microfone, xinga alguém que está no meio do público. O cantor vai para o fundo do palco, se abaixa para amarrar o cadarço do sapato, não demora muito e o funkeiro toma uma atitude inesperada: vai para frente do palco e chuta as pessoas. Os seguranças tentam puxar o cantor, mas ele parte para cima da plateia. Não é possível identificar quem era o alvo do funkeiro. Começa a pancadaria. Dá para ver o momento em que um dos homens bate no funkeiro. No meio do tumulto alguém joga pedras de gelo e uma garrafa de água. O público vaia. Seguranças pulam do palco para tentar separar a briga. No meio da confusão um homem de camisa listrada empurra as pessoas, parece que ele tenta apartar a briga. Ele leva um soco e de repente saca uma arma e parte em direção ao agressor. Um segurança se

aproxima, depois quando a câmera mostra novamente o homem de camisa listrada não é mais possível ver a arma. Este homem seria segurança particular de um frequentador do show. Nego do Borel é puxado de volta ao palco. O autor dos ataques não foi identificado.

Evelyn Bastos: Bom, o Nego tá aqui pra conversar com o pessoal do Domingo espetacular pra saber exatamente o que aconteceu naquela noite, durante aquele show.

(Estúdio)

Paulo Henrique Amorin: O funkeiro Nego do Borel se envolveu numa briga ao reagir a uma ofensa racista

Thalita Oliveira: O músico conversou com nossa equipe e contou detalhes de como perdeu a cabeça.

(Gravação externa)

Narradora: O cantor afirma, ouviu diversas ofensas racistas.

Nego do Borel: Eu tava lá. A última coisa que eu queria era briga e tal, daí começou a vim pedra de gelo e tal, tá macaco, que não sei o que, preto e tal, seu isso, seu aquilo, que eu não gosto, eu não quero lembrar que eu fico nervoso, nervoso não, eu fico triste.

Narradora: Nego do Borel se machucou, sofreu arranhões na testa e também foi atingido no olho.

Nego do Borel: Foi é tá até roxo aqui. Graças a Deus não ficou, não ficou... na hora doeu, foi uma pancada. Tacaram a pedra que chegou no meu olho. Na hora eu não sabia o que fazer daí eu perdi a cabeça, não sabia o que fazer.

Narradora: Aos 23 anos, Nego do Borel é um dos representantes do funk carioca. Já gravou 2 CDs e um DVD. Um videoclipe do funkeiro teve mais de 40 milhões de acessos na internet. O cantor não procurou a polícia para prestar queixa. No Brasil preconceito racial é crime, pode resultar em uma pena de até 4 anos, mas para que haja punição é preciso denunciar.

Nego do Borel: Não vai ser eu, não vai ser a polícia, não vai ser ninguém que vai fazer justiça com ele, vai ser papai do céu.

Narradora: Nas últimas semanas outras personalidades negras foram vítimas de injúria racial. O ator mirim, Kaik Pereira foi chamado de safado, imundo, nojento, lixo. O texto falava até em morte: Se mata mano vc é negro... O pequeno Kaik está no elenco de Escarva Mãe. A próxima novela da Record. O ator ficou chocado com os xingamentos. Kaik Pereira: Quem é? Fiquei me perguntando quem é, mas eu queria saber e... Mas minha reação num... Fiquei em choque assim de ver aquilo, porque não é normal.

Narradora: A polícia ainda investiga o caso. A cantora Ludmila também passou por constrangimento numa rede social. Um internauta escreveu: nojo, negra, macaca, feia. Ela reagiu: pessoas como você deveriam estar atrás das grades e não nas Redes sociais.

Ludmila: Foi equívoco de pessoas que não estão prontas ainda pra ficar na sociedade assim, não tão, elas não tão atualizadas ainda, porque isso aí é uma... Isso aí é uma pessoa invejosa que não tá feliz com a vida, que se esconde atrás da foto de alguém pra falar e denegrir a imagem e aí não tem nem como se irritar com uma pessoa dessa, porque a gente não sabe nem quem é né?

Narradora: Na ocasião quem também comentou sobre o caso de Ludmila foi o próprio Nego do Borel. O funkeiro disse que ele

não se importava com agressões.

Nego do Borel: Eu não ligo. Eu num tô nem aí. Até porque eu tenho orgulho de ser preto, funkeiro, favelado. Eu amo ser negro. Eu gosto da minha cor.

Narradora: Mas agora parece que até ele chegou ao limite.

Nego do Borel: (em continuação à entrevista inicial) Além deu estar apanhando verbalmente, eu apanhei também fisicamente. Eu não estava preparado praquele momento, que eu acho que foi uma experiência pra minha vida, pra eu saber como lidar e tal.

Ludmila: (falando sobre o caso ocorrido com Nego) Ali né? Ele... Todo mundo ia perder a cabeça, que se fosse pessoalmente, né, gente? Ninguém se controla. O lado humano dele falou mais alto do que o artista que tem atrás dele. Você é o cara nego, parabéns! Beijo.

Conforme Bakhtin 1990, todo discurso manifesta a presença de outros discursos, sendo a linguagem por natureza dialógica, uma vez que nela se cruzam as vozes de outrem. Deste modo podemos dizer que todo pensamento que se materializa em discurso é resultado de outras falas, ou seja, nenhum discurso é inovador. As ideias de Bakthin nos fundamentaram, no sentido de fazermos uma análise crítica dos discursos que se seguem. Afinal toda voz carrega outras vozes e aquele ponto de vista que muitas vezes parece tão original e próprio de um determinado sujeito, na verdade subjaz de outros tantos pontos de vista.

Na análise dos textos jornalísticos aqui elencados, por exemplo, devemos lembrar que embora todo Jornal falado ou impresso se diga imparcial, nenhum discurso é totalmente imparcial. As reportagens em geral são um exemplo, antes de serem televisionadas são previamente elaboradas com recortes e falas idealizadas por seus editores.

No texto 1, os jornalistas e a narradora tentam narrar da maneira mais imparcial possível os casos de discriminação sofridos pelas personalidades famosas, mas em um momento específico a narradora se posiciona, ainda que sutilmente, quando diz: O cantor não procurou a polícia para prestar queixa. No Brasil preconceito racial é crime, pode resultar em uma pena de até 4 anos, mas para que haja punição é preciso denunciar.

Neste caso a narradora se utiliza de um argumento de autoridade, referenciando a legislação brasileira, para questionar o fato de Nego do Borel, mesmo tendo sofrido agressões verbais e físicas por conta da cor da sua pele, não recorrer à justiça o que contribui para a proliferação de atitudes racistas pela certeza da impunidade.

Nego ratifica a ideia de deixar os agressores impunes dizendo: Não vai ser eu, não vai ser a polícia, não vai ser ninguém que vai fazer justiça com ele, vai ser papai do céu. Por trás de sua fala pacificadora, Borel faz o que muitos amigos seus, negros ou brancos fazem, lava suas mãos diante do racismo, banaliza o crime cometido contra ele, perdendo a oportunidade de estender o debate sobre o preconceito sofrido cotidianamente por ele e por seus iguais.

Atitudes como essa refletem a existência do “Mito da Democracia Racial”, conforme explica Sales Jr (2006), ou seja, a negação da existência do racismo. Leva-nos a pensar que atitudes racistas nem sempre acontecem e que isso é algo incomum em nossa sociedade. Isso se evidencia também

na fala do ator Kaik Pereira, quando o mesmo se pronuncia genuinamente a respeito dos xingamentos que sofreu nas redes sociais: Quem é? Fiquei me perguntando quem é, mas eu queria saber e... Mas minha reação num... Fiquei em choque assim de ver aquilo, porque não é normal.

O garoto não acha normal o preconceito sofrido, parece não compreender o ocorrido porque acredita viver em um país onde teoricamente as diferenças se dão por questões econômicas e não pela cor da pele das pessoas.

A fala das duas personalidades acima citadas representa uma ideologia opressora que nega e tenta calar a questão do racismo, ou seja, se recusa a encará-lo como algo real, não abrindo precedentes para discussões posteriores ou reavaliação do assunto abordado. Já a fala da cantora Ludmila revela-se uma atitude de repúdio e resposta imediata ao preconceito sofrido. Vejamos: pessoas como você deveriam estar atrás das grades e não nas Redes sociais. Percebe-se nesta fala a ideia de busca de justiça e de reconhecimento da gravidade do ato do agressor como um crime de fato.

A partir da reportagem analisada percebemos não apenas o racismo como um crime contra a pessoa humana, mas, além disso, uma construção sociocultural cruel, na medida em que faz com que muitas pessoas negras constituam ideologias racistas e se coloquem como cúmplices das agressões sofridas por elas mesmas. Isso fica evidente quando Nego do Borel, após ser agredido verbalmente e fisicamente, com pedras de gelo, parte para cima de seu agressor.

O cantor tenta se justificar pela ação cometida e tira de foco a agressão sofrida. Vejamos: Foi é, tá até roxo aqui. Graças a Deus não ficou, não ficou... na hora doeu, foi uma pancada. Tacaram a pedra que chegou no meu olho. Na hora eu não sabia o que fazer daí eu perdi a cabeça, não sabia o que fazer. Borel justifica o motivo pelo qual partiu para cima da plateia: perdeu a cabeça. Neste momento ele se abstém da posição de vítima e se coloca na condição de cúmplice da agressão sofrida.

Texto 2: William Bonner interrompe Jornal Nacional para Maju comentar caso racismo enfrentado na net.

(Estúdio)

Willian Bonner: Olha a Maria Julia recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil. Hoje é o dia Nacional de combate à discriminação racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas de maneira coordenada contra ela na página do Jornal Nacional no Facebook. Só que o que aconteceu depois de uma forma espontânea e avassaladora foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet a expressão: Somos todos Maju, ganhou todas as redes sociais.

Renata Ceribelle: Isso também acabou provocando a reação das autoridades. No estado do Rio, por exemplo, o ministério público pedia à promotoria de investigação penal que acompanhe o caso com rigor na delegacia de repressão à crimes de informática e em São Paulo o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos, instaurou inquérito para apurar os crimes de racismos e injúria qualificada.

Willian Bonner: A Globo espera que essas ações cheguem a bom termo e que os criminosos sejam punidos de verdade.

E, além disso, a própria Globo também está estudando as medidas judiciais cabíveis. Agora Maria Júlia, me deixa pedir um favor pra você. Divide por favor com o público do Jornal Nacional aquela mensagem linda que você mandou pra gente por e-mail, hoje a tarde aqui. Porque tava todo mundo preocupado com você, cê mandou uma mensagem maravilhosa. Divide aqui com todo mundo.

Maju: Pois é Bonner, estava todo mundo preocupado, muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas na verdade é o seguinte, gente: eu já lido com esta questão do preconceito né desde que eu me entendo por gente. Claro que eu fico muito indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo que eu acho que é o mais importante né? Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes que sempre me orientaram, eu sei dos meus direitos né? Então acho importante, claro, essas medidas legais pra até que evitar novos ataques a mim e a outras pessoas né? Eu acredito que é... é muito importante e agora eu quero manifestar assim a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso, né? Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails e mensagens, então eu acho que isso que é mais importante e a militância que eu faço gente é com o meu trabalho, é fazendo meu trabalho sempre bem feito, sempre com muito carinho muita dedicação e muita competência, que acho que é o mais importante. E pra finalizar Bonner e Renata é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa. É isso.

Willian Bonner: É isso. A Maju. Né Maju? A Majuzinha passa, é como você disse: os cães ladram...

Maju: Ah. Eu falei isso. Os preconceituosos ladram, mas Majuzinha passa. É isso.

William Bonner: É isso. Olha eu e a Renata falamos aqui em nome de todos os colegas da Globo. É claro que todos aqui repudiaram também essas agressões absurdas. Somos todos Maju né Renata?

Renata Ceribelle: Somos todos Maju. Hoje e sempre. Maju: Obrigada.

Renata Ceribelle: Tchau Maju.

No texto dois, percebemos de maneira mais evidente o discurso velado de uma elite, que embora se pretenda justa, ainda se pauta nos ditames de uma sociedade eurocêntrica e se apoia nas ideologias que regem o “Mito Democracia Racial”, veiculando a falsa ideia de igualdade racial. A expressão: “Somos todos Maju”, nos remete à ideia de identidade unitária do povo brasileira e a existência de uma convivência pacífica entre os diferentes povos que em nosso país habitam.

Novamente a questão do preconceito sofrido pela personalidade agora citada parece esporádica. Não há que se falar em preconceito somos todos iguais, poucos são os criminosos que perpetuam o racismo. Vejamos a fala de Bonner: Olha a Maria Julia recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil. Hoje é o dia Nacional de combate à discriminação racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas de maneira coordenada contra ela na página do Jornal Nacional no Facebook. Só que o que aconteceu depois de uma forma espontânea e avassaladora foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet a expressão: Somos todos Maju, ganhou todas as redes sociais.

O jornalista enfatiza que milhares, e milhares e milhares de pessoas repudiaram a ação dos 50 criminosos e comenta que a hashtag “Somos todos Maju” se replicou de maneira rápida nas redes socais, como se o problema do racismo sofrido pela mesma já estivesse resolvido, desconsiderando a fissura moral causada à apresentadora ao ser xingada publicamente de “macaca”, “puta africana”, “vagabunda”, entre outras agressões. A apresentadora, contudo, oculta sua mágoa e reforça a ideia do colega de trabalho dizendo:

...e agora eu quero manifestar assim a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso, né? Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails e mensagens, então eu acho que isso que é mais importante e a militância que eu faço gente é com o meu trabalho, é fazendo meu trabalho sempre bem feito, sempre com muito carinho muita dedicação e muita competência, que acho que é o mais importante (...) Os preconceituosos ladram, mas Majuzinha passa.

Valores eurocêntricos são evidenciados nas falas dos apresentadores. A impressão que temos é a de que em nosso país atitudes racistas são casos esporádicos, ou parafraseando as palavras de Maju: uma minoria é racista, mesmo que anteriormente ela tenha dito que lida com a questão do preconceito desde que se entende por gente, sendo filha de militantes.

Voltamos então à questão do Mito da Democracia Racial. É notório que a hashtag #Somos todos Maju# funciona como um recurso para equiparar-nos uns aos outros, reforçando a equivocada ideia de igualdade racial, induzindo o telespectador a pensar que a discriminação racial é infundada no contexto social brasileiro e que brancos, negros, amarelos ou vermelhos são de fato iguais e vivem “pacificamente” no Brasil. Complementemos essa discussão com a fala de Ronaldo Sales Júnior sobre o fenômeno da Integração Subordinada:

No Brasil, a Revolução de 1930 e o Estado Novo caracterizaram-se pela incorporação tutelada das massas urbanas à sociedade oligárquica e pela construção de uma ordem institucional que permitisse a incorporação dos novos atores à arena política. A inclusão do “negro” deu-se por meio de políticas nacional-populistas de integração subordinada das classes e grupos populares e pela redução dos poderes das oligarquias tradicionais com suas ideologias racistas. (SALES JR, 2006, p. 230) (grifo do autor).

Desta época, surgiu a ideia de igualdade racial que, ao contrário do que muitos pensam, foi uma estratégia política para organização de uma nova ordem institucional: o Estado Novo, para tanto era necessário integrar os negros à sociedade e tal integração se deu de forma subordinada, ou seja, o negro era considerado parte da sociedade, des-

mas passa a maior parte do tempo se justificando pelo ocorrido e explana sobre sua condição econômica e educação privilegiadas, sem se solidarizar com seus pares que não tiveram a mesma sorte, que sofrem preconceito cotidianamente e não podem se dar ao luxo de abdicar de seus diretos ignorando a exclusão social sofrida frequentemente.

A integração do negro ainda se dá de forma subordinada, ou melhor, ele é considerado como "igual" desde que "tenha uma alma branca". Seria esse o caso de Maju? Desde que se adapte à cultura e aos padrões ocidentais, reduzindo-se a ser grato pelas oportunidades que o branco lhe dá. Desde que seja bem-sucedido financeiramente, em áreas profissionais específicas, às quais os brancos não almejem, ou se contentem com pequenos espaços em profissões de destaque e nas universidades.

A questão da indiferença contra o preconceito sofrido pelo próprio negro muitas vezes funciona como defesa, mas é resquício de uma integração ilusória deste na sociedade, ou melhor, de uma falsa democracia racial como vimos. A indiferença, pois, se esconde por traz da ideia de que o racismo só acontece em casos esporádicos e de que todo o brasileiro, independentemente da cor, tem as mesmas oportunidades em termos de educação, saúde, etc, bastando apenas aproveitá-las para garantirem uma vida bem-sucedida. Reduzindo o próprio sujeito, excluído socialmente, a culpado por sua condição social fragilizada.

Análise semiótica do discurso: textos sincréticos

Fig. 1 Charge 1



Fonte: Geledés (14 de julho 2015)

Apresentamos a seguir uma análise semiótica da estrutura narrativa do discurso, em que podemos observar o percurso de manipulação, entre destinador e destinatário, e o percurso de ação, entre sujeito e objeto de valor:

Fig. 2 Relações Actanciais subjacentes à enunciação



O destinador do discurso manifestado nesse texto, sociedade contemporânea, evidencia o preconceito velado de maneira bem-humorada, quando coloca as personagens da figura se posicionando de diferentes maneiras em contextos sociais diferentes. Existe por parte do Destinador, a intenção de fazer saber que o preconceito se dá de maneira enevoada em nossa sociedade, ou seja, o mesmo sujeito que critica o precon-

ceito de outrem é o que se manifesta preconceituosamente em contextos sociais e ou momentos diferentes.

A campanha de apoio a Maju que liderou o trend topics, do twitter, com certeza foi uma boa iniciativa, mas o destinador do discurso acima evidencia a falta de posicionamento crítico das pessoas que se solidarizaram com a campanha, reproduzindo o jargão replicado nas diferentes mídias: “Somos todos Maju”, sem sequer parar para refletir sobre o mesmo.

Quantas vezes nos colocamos no lugar daqueles que ofenderam Maju? Isso é evidenciado da segunda parte da charge quando o rapaz da cena três desconfia do jovem negro, advertindo a sua suposta esposa que tenha cuidado com a bolsa. Na cena quatro a senhora estranha o fato de que a médica que a atende seja negra, chegando a questioná-la a esse respeito.

Eis novamente a ideia da integração subordinada, segundo Sales Jr (2006), quando a suposta igualdade existe, desde que as pessoas negras se sujeitem a circular em espaços não requisitados pelas pessoas brancas. Cenas desse tipo são cotidianas, existem muitas “Majus” em nosso país. Ataques racistas ocorrem com frequência e não podem ser banalizados só porque o agredido não tem a visibilidade que Maju tem. Isso enfraquece a luta de muitos contra o preconceito, abrindo caminho para mais discriminação racial.

Fig. 3: Charge 2



Fonte: Vini Oliveira Charges (9 de fevereiro de 2016)

Fig. 4 Relações Actanciais subjacentes à enunciação



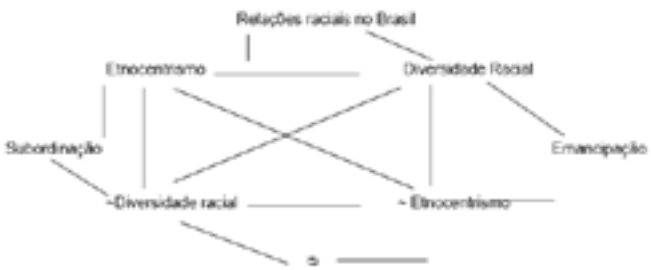
Existe por parte do Destinador, na charge acima, a intenção de fazer saber sobre a indiferença da cantora Ludmila em relação ao preconceito por ela sofrido no carnaval de 2016. A socialite Val Marchiori teceu comentários racistas a respeito do cabelo da funkeira Ludmilla, durante a transmissão do “Bastidores do Carnaval” da Rede TV. Disse, ao vivo, que o cabelo da cantora era similar a uma palha de aço. O comentário da socialite levantou discussões a respeito do racismo e se replicou na internet por meio de diferentes textos, dentre os quais a charge acima.

A indiferença da funkeira é evidenciada na charge pelas palavras ditas pela personagem no balão acima, ademais tal personagem assume uma posição de destaque na figura, estando em pé à frente da segunda personagem, com brilho nos cabelos evidenciado por efeito de uma espécie de estrela na figura, o que enaltece a beleza natural de seus cabelos cacheados e fortalece a questão da beleza negra.

Em contrapartida, a personagem de Val Marchiori está em posição subalterna, ao chão, xingando a funkeira, com uma espécie de gosma saindo da boca, além de uma expressão facial maldosa, o que nos leva a estabelecer certa relação de inveja desta para com a adversária.

Podemos analisar mais profundamente a figura 3, mas o faremos em conjunto com a figura 1, pois é sabido que estruturas mais profundas se sustentam em contrários e contraditórios. O quadrado lógico aristotélico serviu como modelo de análise, na metodologia semiótica, ampliando-se e constituindo o octógono semiótico, por meio do qual foi possível descrever, como veremos a seguir, as ideologias ou sistemas de valores, subjacentes nas duas figuras analisadas. Podemos verificar a axiologia, sistemas de valores das relações raciais no Brasil e as controvérsias discursivas em relação ao preconceito racial.

Fig. 5 Discurso das relações raciais no Brasil



Nos textos sincréticos das charges, Figuras 1 e 3, verificam-se os contrários, Etnocentrismo X Diversidade Racial, subjacentes aos textos. De um lado a ideologia etnocêntrica, com a ideia da uniformidade racial e do outro a ideologia que valoriza e reconhece a diversidade étnico-racial brasileira, ou seja, a formação miscigenada do nosso povo.

Temos então do lado esquerdo do octógono o etnocentrismo que se caracteriza pela subordinação de algumas raças em relação a outras. No caso das figuras analisadas percebemos de maneira direta na figura 1 e de maneira indireta na figura 3, a ideia de subordinação do negro em relação ao branco, por meio do padrão eurocêntrico de civilização. Tal padrão tenta incutir na sociedade brasileira as normas e valores ocidentais.

Logo, os valores e a cultura do povo negro são julgados inferiores, primitivos, sendo rejeitados por aqueles que se autodenominam “brancos”. Por outro lado, percebemos também no discurso, o desejo de emancipação do povo negro. Tal desejo se pauta em uma ideologia que visa diminuir as desigualdades socioeconômicas e raciais brasileiras, desconstruindo o mito da igualdade Racial. O reconhecimento da diversidade racial, pois, funciona como um estímulo para pensarmos diferente. Isso nos possibilitará viver melhor, afinal, cada qual é especial ao seu modo e todos somos diferentes uns dos outros, ainda que pertençamos ao mesmo grupo étnico-racial. São os processos histórico-culturais que caracterizam, ou fazem com que determinado povo tenha costumes e valores diferentes de outros. Vale lembrar que nenhuma pessoa nasce preconceituosa ou resistente às diferenças étnico-raciais, mas os discursos de diferenças de classes sociais, históricos, religiosos e relações de dominação é que for-

mam o sujeito.

Tanto nas figuras 1 e 3, nos textos das charges, como nas reportagens, evidencia-se que as relações raciais no Brasil são, ainda, presentes, embora sejamos reconhecidos no exterior pela nossa "capacidade" de viver pacificamente com as diferenças de nosso povo. Nos dias atuais, manifestaram-se outros discursos, após a Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), do Estado de Direito, dos Direitos Humanos que também formam o sujeito contemporâneo. Tivemos avanços, mas como podemos evidenciar nesta pesquisa ainda há muito que se fazer para diminuir a distância social entre negros e brancos no Brasil, haja vista os casos recentes de discriminação racial sofridos pelas personalidades aqui retratadas, sem esquecermos claro de tantos outros negros anônimos que sofrem preconceito racial cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que o preconceito racial brasileiro existe de maneira velada, embora muitos canais midiáticos se disponibilizem a contribuir na veiculação da educação não formal de combate ao preconceito racial. Isso se dá porque o preconceito racial no Brasil é histórico, estrutural e para tanto temos ainda muito presentes discursos cristalizados na formação de nosso povo, como a escravidão e relações de dominação.

A análise semiótica aqui feita permitiu iniciarmos uma discussão a respeito da questão do preconceito racial, pois este se manifesta a partir de discursos que o constituíram. Esta análise do discurso de textos veiculados na mídia pretende contribuir para o avanço das pesquisas sobre discursos e saberes compartilhados no contexto sociocultural brasileiro e inclusive a respeito do papel educativo da mídia. Afinal nos meios de comunicação são veiculados os discursos e mecanismos de manipulação e persuasão.

A análise do percurso gerativo do sentido, que se inicia a partir da enunciação do discurso, objeto de estudo de Greimas (2001), permitiu evidenciar a ideologias subjacentes nas reportagens e textos das charges, desde a superfície até a parte mais profunda dos mesmos, possibilitando-nos uma leitura menos ingênua destes. Ao percebermos os valores implícitos em um texto é possível refletirmos sobre nossas convicções e valores, para assim agirmos criticamente em relação à leitura de diferentes textos.

Após as análises feitas e diante da ideia de que vivemos em um mundo contemporâneo, em que se manifestam valores que discriminam e oprimem minorias, utilizando-se de diversos instrumentos de manipulação, cabe-nos refletir sobre a produtividade dessa perspectiva de análise.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

DEMOCRACIA RACIAL - A partir de Gilberto Freyre. Perspectiva Filos6fica - Volume VIII- n-

13 15 - Jan. - Jun./ 2001. Disponível em < https://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf15_artigo10001.pdf> Acesso em 05 de abril de 2016.

DEMOCRACIA racial. Revista Pré--Univesp. Disponível em: http://pre.univesp.br/democracia- racial#.V1XW2GjF-mM> Acesso em: 20 de maio. 2015.

FERNANDES Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1972.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27- 38,jan./mar. 2006. . Disponível em < http://www.scielo.br/pdf/%0D/ensaio/v14n50/30405.pdf > Acesso em 10 de março 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semântica estrutural. Tradução de H. Osakape e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.

. Da Imperfeição. Hacker editores: São Paulo, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. “Raça e os estudos de relações raciais no Brasil.” Novos Estudos CEBRAP 54 (1999): 147-156. . Disponível em < http://novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/88/20080627_raca_e_os_estudos.pdf > Acesso em 06 de maio de 2016.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. São Paulo: Editora DP&A, 2006.

LAURENTINO de Sales Júnior, R., & Weber, S. O. Raça e justiça: o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça, 2006. Dissertação de Doutorado. Repositório UFPE. Disponível em: http://repositorio.ufpe.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/9747/arquivo9288_1.pdf?sequen ce=1&isAllowed=y> Acesso em 02 de fevereiro de 2016.

MAJU. Disponível em<http://www.geledes.org.br/tag/maju/> Acesso em 22 de maio de 2016.

MC Ludmila sofre ataque racista de socialite brasileira. Disponível em<https://vinioliveiracharges.wordpress.com/2016/02/09/mc-ludmilla-sofre-ataque-racista- de-socialite-brasileira/> Acesso em 22 de abril de 2016.

MELO, Celso Eduardo Santos. Racismo e violação aos direitos humanos pela internet: estudo da Lei nº 7.716/89. Dissertação de Mestrado Faculdade de Direito. Catálogo USP 2010. Disponível em < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-02082011-114422/pt- br.php> Acesso em 20 de fevereiro de 2016.

PAIS, Cidmar Teodoro. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcodificações transculturais. Acta semiótica et Lingvistica. V. 14. N1, 2009.

PRADOS, Rosália Maria Netto. Linguagens e construção do sentido: os universos discursivos literários e as paixões. In: MELO, Eliana Meneses; PRADOS, Rosália Maria Netto; GARCIA, Wilton. Linguagens, Tecnologias, Cultura. São Paulo: Editora Factash, 2008.

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas Redes Midiáticas. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, abr. 2007. . Disponível em < http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/1969/1785> Acesso em 26 de abril de 2015.

NOSSO racismo é um crime perfeito no Brasil. Revista Fórum. Disponível em < http://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/> Acesso